

FACULDADE VENDA NOVA DO IMIGRANTE - FAVENI
CURSO: HISTÓRIA

JOSÉ BORGES FILHO

**O NAVIO NEGREIRO: DESCORTINANDO A HIERARQUIA
DOS TEMAS E DAS PALAVRAS**

IPANGUAÇÚ, RN
2020

JOSÉ BORGES FILHO

**O NAVIO NEGREIRO:
DESCORTINANDO A HIERARQUIA DOS TEMAS E DAS
PALAVRAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) Acadêmico apresentado ao curso de História da Faculdade Venda Nova do Imigrante, como requisito para obtenção do título de Especialização, área Metodologia do Ensino de História.

IPANGUAÇÚ-RN
2020

RESUMO

Neste trabalho acadêmico pretendo fazer uma explanação a respeito do discurso literário que nosso grande poeta Romântico Castro Alves faz em sua magnífica obra épica O Navio Negreiro, onde ele trata o tráfico de pessoas como um crime, que vidas humanas tornam-se moeda de troca e dominação. Para dialogar com esse assunto adotou-se diversos autores dentre eles, Telênia Hill, Antonio Candido, Adilson Citelli, dentre outros, após pesquisar a fundo sobre o poema em questão, a partir do estudo da obra, nos lançamos mão sobre um discurso que trata de dois eixos importantes – matéria épica e concepção heroica do discurso erudito. A adoção desses dois tópicos, foram importantes para fazermos analogia do poema Navio Negreiro, enquanto um projeto literário composto de uma narrativa épica. Observe-se que já naquele século o autor começa a denunciar os crimes cometido por chefes de estados e outras pessoas de diversas nacionalidades e que o mesmo convida todos aqueles que valorizam a vida para participar da abolição da escravidão, é interessante que mesmo nos dias de hoje o valor a vida ainda é algo duvidoso.

Palavras-Chaves: Discurso literário, tráfico de pessoas, trabalho escravo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO I	
1 - A NARRATIVA LITERÁRIA COMO DISCURSO REVOLUCIONÁRIO.....	6
1.1 Os princípios fundamentais do Romantismo.....	6
1.2 A história e a identidade trilhando pelo Romantismo brasileiro.....	8
CAPÍTULO II	
2 – O DISCURSO ÉPICO E A CONDIÇÃO HERÓICA PRESENTE NO POEMA.....	9
2.1 – O espírito épico e o elemento nobre	9
2.2 - Uma concepção lendária de Navio Negreiro	10
CAPÍTULO III	
A COMPOSIÇÃO LITERÁRIA E HEROICA DO DISCURSO HISTÓRICA	13
3.1 - A organização literária do poema.....	13
3.2 – A exibição do ambiente.....	13
3.3 – A caracterização dos tripulantes do Navio Negreiro.....	15
3.4 – O interior do navio: Horror, comoção e denúncia.....	16
CONSIDRAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19

INTRODUÇÃO

O termo escravidão não é algo desconhecido na conjuntura histórica e política do povo brasileiro, tanto que a exatamente 132 anos, os africanos que foram arrancados de seus lares e que viveram nessas terras como escravos foram libertados, mais precisamente em 13 de maio do ano de 1883, esse foi o ano em que o Estado brasileiro propôs o rompimento de um sistema escravista de mais de 400 anos, da África para a América. Apesar da leitura que se possa ter do processo histórico nacional, o presente trabalho traz uma breve discussão sobre o discurso literário do poema *Navio Negreiro* de Castro Alves.

Desse modo serão analisados ainda dois aspectos importantes, o poema como uma obra de alto valor significativo para o romantismo brasileiro e a quebra das ideologias, das hierarquias dos temas e das palavras em voga, predominantes naquela época, visto que não se pode separar o discurso abolicionista revolucionário do contexto social e político, é que justamente Castro Alves é quem vem fazer uma denúncia nunca antes feita por outros poetas nem de sua época, nem tão pouco dos outros períodos românticos. Ao contrário do que faziam outros autores brasileiros, que tinham o índio como herói, o poeta em estudo, vem quebrar essa grande visão tradicional, vindo valorizar o negro dando-lhe o status de herói.

Esse episódio surpreende os demais autores da época, visto que descortina os paradigmas antes construídos pelas elites dominantes e com o ultrarromantismo e faz uma denúncia social a respeito da captura do povo africano e sua escravidão, das viagens nos porões dos navios negreiros e os maus tratos os quais os negros eram submetidos.

Considerando as diretrizes teóricas literárias do poema, analisamos o *Navio Negreiro* à luz da teoria épica do discurso literário, visto que essa obra é riquíssima pois detalha o desenrolar de muitos episódios, em que vidas foram traficadas sem nenhuma regra, sem nem um impedimento e, quem ditava as regras eram os donos do tráfico negreiro.

CAPÍTULO I

A Narrativa literária como discurso revolucionário

1.1 – Os princípios fundamentais do Romantismo

Para evidenciar a significação de Romantismo cabe aqui considerarmos dois pontos categóricos sobre este assunto: um ponto de cunho histórico e outro de ordem psicológico. O primeiro faz uma referência ao movimento artístico datado e literário, uma mudança que quebra a visão tradicional e elitista que enxerga apenas uma versão histórica das coisas, essa era a visão que a grande maioria dos autores românticos tinham sobre a tragédia do tráfico negreiro e dos rumos do país. A par do assunto, Guinsburg (1986, p. 52) refere-se ao tema

como “Sentimento como objeto da ação interior do sujeito, que excede a condição de simples estado afetivo: a intimidade, a espiritualidade e aspiração do infinito”. Sendo assim, o Romantismo não é algo estático, ele reflete um sentimento de desassossego de alma muito profundo, de um teor artístico que lembra a liberdade, que perdura durante todo movimento romantismo, tanto que se passou a ser denominado de Romantismo, tanto no Brasil quanto na Europa, centro desse movimento artístico-literário. Conforme Candido, (2003, p. 9), o Romantismo:

Foi com certeza o maior acontecimento nas literaturas do Ocidente, acabando com a hierarquia dos temas e das palavras, dissolvendo regras congeladas de composição e, sobretudo, criando comunicação entre todas as esferas, para abrir caminho a todas as liberdades.

Outrossim, o Romantismo concede um novo campo de visão ou abre caminho para uma nova perspectiva de criação artística, pois não mais atado a regras tradicionais, predeterminadas. Nesse sentido, lembramos que essa cessação da predominância do padrão tradicional, foi uma construção de antigas doutrinas antecedentes que tinham na estética um elemento social perfeito e, mas um novo olhar artístico nasce no Romantismo com a figura de Castro Alves. Lembramos que o Romantismo no Brasil como um projeto político em que as lutas pela independência aconteceram pelas temáticas românticas, no resto da América Latina, ganharam contornos diferenciados.

Em relação ao teor estético, o histórico está justamente no fator psicológico, porque o elemento histórico-político está recheado de forma configurada nos componentes discursivos e psico-subjuntivos dos vários gêneros literários brasileiros. No Romantismo a ideia de liberdade como ferramenta discursiva revolucionária torna-se evidente, pois é nesse movimento que essas ideias revolucionárias ocorrem com maior desenvolvimento. Mesmo assim, não podemos afirmar com segurança que o significado de Romantismo esteja vinculado ao exercício de liberdade, emoção ou de visão anti-classista, pois estas concepções estão presentes em todos movimentos literários, e não basta aqui só a problematização, mas o teor convincente da causa que o poema Navio Negreiro traz em seu bojo de palavras e significados, para acender a chama da liberdade no sangue do povo brasileiro naquele período.

Sendo assim, percebe-se que o Romantismo é prendado de uma apreensão entre o eu e o outro, a nação e o estado. É nesse panorama que encontramos uma razão que explica a extrema emotividade, o pessimismo, o desejo de evasão, formas desse eu-romantismo. Seguindo esse pensamento, Citelli (1986, p. 12 e 13), completa “O homem em tensão com o mundo, o artista em busca de sua expressão poética só se realizam no interior de suas próprias individualidades”. É na pessoa e na vida interior que nasce, cresce e se estabelece a criação artística romântica, considerado sábio, o poeta projeta a poesia como uma meta histórica, tornando um porta voz de uma geração e é por causa desse motivo que consideramos o romantismo como um discurso revolucionário. Nessa perspectiva, Castro

Alves é o autor que melhor representa o Romantismo Brasileiro, por sua criação artístico-poética e ao mesmo tempo, comprometido com um projeto político nacionalista. Em meados de 1870, já vinham acontecendo diversas conquistas sociais e políticas na Europa, esses acontecimentos chegam ao Brasil fazendo surgir uma corrente intelectual crítica. É nesse fervor que surge a figura de Castro Alves, com sua produção artístico-revolucionária, desse modo ele começa seu envolvimento com as questões sociais e políticas nesse período de maneira pertinente, de modo que seu trabalho foi influenciado por dois fatores: os ideais progressistas e o antiescravista, fazendo uma ampla crítica ao seu eu-lírico tradicional. A par da situação, Hill (1986, p. 32) completa dizendo:

Castro Alves se lançava ao futuro, com toda a vibratibilidade de sua natureza. Na época em que viveu, poeta era um ser privilegiado e, pela excepcionalidade “perceber”, no “sentir” e do “imaginar”, tinha para com a sociedade, o dever de lidera-la.

Entende-se assim que o lirista Castro Alves ascende nesse país por meio das inúmeras denúncias que faz sobre a escravidão, naquele período, nisso esse gênio brasileiro se torna um líder social, que por obrigação denuncia as desigualdades que vinham sofrendo as pessoas mais desfavorecidas da sociedade, particularmente os escravos, foi nessa época que sua poesia torna-se uma ferramenta ideológica de porte nacionalista e revolucionária, que rompe com os conceitos tradicionais elaborados por uma elite ultrapassada e escravista.

É exatamente o nacionalismo a peça-chave ideológica que eleva a alma revolucionária dos românticos brasileiros, esse movimento não está desvinculado do romantismo político, pois eles estão atrelados por laços patrióticos. Quanto a essa discussão, Citelli (1986, p. 19 e 20) reforça esse pensamento:

Os românticos haviam acreditado e endossado os princípios revolucionários; logo se viu, no entanto, a formação de mal-estar um sentimento de crença traída; a ideia de que muito se mudou para permanecer tudo mais ou menos do mesmo jeito.

Nesse período o Romantismo representa um desejo progressista, motivado por uma compaixão sombria perante a realidade social brasileira, entendemos nesse caso a necessidade do poeta romântico, que procura mostrar ao povo nas suas obras poéticas o quanto devemos lutar contra as desigualdades sociais e as injustiças. O poema Navio Negreiro veio na hora certa e foi interessante para que o povo se alimentasse de uma paixão nacionalista e libertária para com a pátria, mais um motivo artístico-poético, pois mesmo distante da realidade até aquele momento, ele torna-se algo presente, da nação brasileira, como diz Candido (2007, p. 341), “Os românticos foram buscar nos países estranhos, nas regiões esquecidas e na Idade Média pretextos para desferir o voo da imaginação”. Com esse pensamento diferente, mas disposto a defender a bandeira de sua pátria e a desconfiança em viver em um país que está distante de ter nos poemas suas qualidades, torna-se um alento importante, daquela época, de modo que o pensamento poético romântico insere-se nesta contradição de ideias, mesmo que esta é uma ferramenta importantíssima para as produções literárias.

No geral, podemos compreender o significado de Romantismo, e não podemos separar as duas categorias: a histórica e a psicológica, porque ambas estão intimamente ligadas, não basta as duas partes para termos um conceito completo, aqui não é nosso pensamento, mas para organizarmos melhor nosso arcabouço teórico sobre os fundamentos sociais, históricos e culturais que muito influenciaram o romantismo brasileiro.

1.2 – A história e a ideologia trilhando pelo romantismo brasileiro

De acordo com a história, o surgimento do Romantismo Brasileiro data de 1836 com *Suspiros Poéticos e Saudades* de Gonçalves de Magalhães, entretanto, o significado da palavra propriamente dito em discursão vai além do que se imagina ser e muito mais do que será tratado neste trabalho e em especial neste capítulo. Citelli (1986, p. 9) a respeito do assunto diz o seguinte:

Talvez fosse possível pensar, num esforço didático, que o romantismo foi marcado por algumas preocupações recorrentes, às quais poderíamos aliar um certo anticlassicismo uma visão individualista, um desejo de romper com a normalidade e com os excessos do racionalismo. Liberdade, paixão e emoção constituem um tripé sobre o qual se assenta boa parte do romantismo.

Compreendemos que a essência do Romantismo, tendo em vista a situação histórica e socioeconômica será marcado por movimento grandioso, recheado de um desejo libertário de inúmeras inovações políticas, ideológicas e formais. Por estas terras essa tendência, a exemplo de outros lugares, foi bastante heterogênea, sendo dividido em três gerações distintas, pela diversidade das temáticas entre os autores das gerações existentes. Destaquemos a primeira e a terceira geração.

A primeira marcada pela crítica canônica, como o indianismo, em virtude da presença indígena, na obra de Gonçalves Dias, que considera o índio herói, a segunda conhecida como “O mal do século” é o movimento de ampla expressão no Romantismo brasileiro, como bem fala Facioli (2004, p. 11):

O mal do século expressa para esta geração, o choque entre as aspirações e desejos excessivos da vida e dos sonhos e a impossibilidade de realização. Daí por que o tédio, a agonia, o sentimento de morte devastam a alma romântica.

O fato é que mesmo que o Romantismo no Brasil tivesse como proposta principal produzir uma literatura exclusiva que representasse as ambições de liberdade do país, que durou exatamente pelo menos três séculos, havia uma grande influência europeia e as temáticas tinham características pessimista, o desejo de morte. Já terceira geração, o Romantismo Brasileiro apresenta temáticas diferenciadas comparando com as anteriores, e nos fins de 1860, o Brasil passava transformações diversas, por exemplo, na educação haviam pouquíssimas unidades escolares, quem frequentava a sala de aula era os ricos, entre os pobres o analfabetismo era um problema recorrente. Nesse cenário perturbador, o poeta Castro Alves, representante da geração em voga, ignorou as características das gerações passadas, ele escreve um trabalho que corrobora com o contexto social e político da época.

A febre por liberdade e o apelo ao progresso é o centro ideológico da poesia do escritor baiano, marca revolucionária da terceira geração romântica brasileira.

CAPÍTULO II

O Discurso épico e a condição heroica presente no poema

2.1 – O espírito épico e o elemento nobre

Esse gênero literário é o mais antigo das manifestações literárias que se tem conhecimento, sua origem está na necessidade das pessoas descreverem suas experiências de vida, vitórias e batalhas, mesmo que em algumas obras tenham certos aspectos ilusórios. Em parte em conceitos teóricos, o poema épico celebra a narrativa de um feito histórico de relevância nacional pessoal ou de uma classe social, o bastante para em seguida se transformar num tributo, e que este é o suficiente para que os humilhados pudessem lutar perante a injustiça por liberdade, embora esta só tenha êxito com muita luta. Nessa linha de pensamento não pretende-se esgotar a discussão sobre o Navio Negreiro e de suas características discursivas, mas debater o assunto para melhor compreensão. Para Vasconcelos (1984, p. 9):

Dispomos tão somente de uma teorização clássica do gênero épico, que se torna inoperante frente à produção épica moderna, dando-nos a falsa impressão de que o épico, prendendo-se a uma época fechada, em que a problemática existencial do homem se coadunava com a epicidade, e incompatível com a modernidade.

Não devemos esquecer que as produções épicas aparecem com frequência após o Renascimento, estas características são encontradas em trabalhos teatrais, na dramatização, numa narrativa épica. É nesse interim que iremos trabalhar os conceitos e expressões da temática proposta. Sobre o assunto, Vasconcelos (1984, p. 9) explica que:

A narrativa épica não se contenta em estruturar uma proposição de realidade ficcional, ela quer a proposição da realidade ela mesma, daí buscar o apoio do histórico e do mítico, polos de articulação da realidade objetiva. Essa determinação da narrativa épica, em estruturar a própria proposição de realidade, decorre da natureza da matéria épica.

Conforme entendido, o objeto estudado (matéria épica) surge do processo autêntico da realidade do país, que se constrói com a união de dois elementos importantes - um de proporção histórica com outro de proporção mitológica, nesse sentido o relato histórico necessita fazer parte do sobrenatural, para se transformar-se em fabuloso. Conforme estes pressupostos a matéria épica, é importante para explicitarmos a condição do herói, conforme ele aparece nos relatos heroicos. O protagonista histórico consegue conquistar a condição de herói conforme ele passa a fazer parte da narrativa, as vezes ele já faz parte da trama, mas ainda não está construído. Nesse sentido, ele precisa sobre exceder o plano histórico humano e adquirir a existência mítica para ganhar a feição de herói.

2.2 – Uma concepção lendária de Navio Negreiro

Analisando profundamente trilhando os critérios teóricos utilizados nesta pesquisa, iremos contemplar a questão mais importante nesse documento, a composição da matéria épica no poema *Navio Negreiro*. Conforme descrito por Anazildo Vasconcelos (1984, p. 13) “A matéria épica se constitui a partir de um fato histórico que, por sua disposição e grandiosidade, ultrapassa o limite da realidade, e se insere no âmbito mítico”.

Nesse sentido, vale salientar que esta matéria épica na trova que estamos estudando, a questão histórica torna-se bastante importante, uma vez que o poema foi escrito em 1868, e revela que a Lei Euzébio de Queiroz foi promulgada em 1850, e esta proibia o tráfico de africanos de qualquer espécie para este país. Mesmo assim, o tráfico perdurou por muitos anos. Olhando assim, torna-se imprescindível fazermos uma reflexão a respeito sobre as casas abolicionistas e a escravidão, onde o plano histórico do poema *Navio Negreiro*, passa a adquirir um sentido maravilhoso. Na explicação de Vasconcelos, (1984, ele diz:

O relato histórico precisa de inserir-se no maravilhoso para converter-se em relato épico, e o personagem histórico, agenciador da dimensão real, precisa pisar o solo do maravilhoso, que lhe dará a existência mítica indispensável a condição de herói.

Neste poema há uma narração universal, que faz referência aos fatos históricos, é a voz poética que aparece no poema e que engrandece a imagem imaginária daquilo que vai torna-se o elemento propulsor que dará vida a uma história que surge do real (o sofrimento dos escravos nos porões dos navios negreiros) não longe das águas oceânicas. Outro tema referente ao mesmo poema denominado de “Tragédia no mar” já nos dá a ideia de que por si só engendra uma típica tragédia que acontece em meio ao oceano, em verdade, o discurso histórico, presente no poema e recheado de uma ideologia revolucionária abolicionista, que só a defende se estiver engajado pela causa, pois as elites não estavam nem preocupados com os sofrimentos dos africanos traficados, até porque era esta classe dominante que comprava e vendia escravos. Segundo Vasconcelos (1984, p. 15), “o personagem histórico conquista a condição de herói épico através da existência mítica, que adquire atuando no plano maravilhoso”, para o autor foi necessário a tragédia ganhasse um tom mitológico para que herdasse contornos reais, a ponto de por meio de um poema ela passasse a ganhar adeptos, essa força foi possível por que o poeta com sua imaginação fértil transformasse tudo em poema.

Como se sabe, a escravidão é um assunto inseparável da vida humana, assim a poesia lírica utiliza-se desse elemento para dar vida aos personagens históricos, escrito em primeira pessoa, que muitas vezes a narrativa pode partir de uma história real ou fictícia, a partir de uma perspectiva histórica que nos aproxima de uma função heroica, pois se transmite através do discurso épico um posicionamento ideológico. No poema fica evidente que a grandiosidade histórica é fundamental para a construção de um herói, o poeta apodera-se do elemento lírico para dar vez e voz ao seu poema, ele extrai do real os pontos mais importantes para que sua trova ganhe dimensão onipotente, só assim as pessoas passarão a

acreditar o propósito do poema é a libertação dos anônimos que tirados de seus lares são exportados para lugares longínquos.

Conforme explicitado nas páginas anteriores a terceira geração romântica do Brasil evoca um discurso de ordem ótica revolucionária e abolicionista, que usa a beleza natural para mostrar em suas poesias o sentimento de liberdade e grandeza, assim tanto o oceano torna-se um ambiente mítico, visto que é uma região desconhecida e pouco aventurado para muitos basta lembrarmos de sua representação enquanto elemento misterioso.

Seguindo esse pensamento, podemos entender facilmente que Castro Alves aborda um tema ou acontecimento tendo como cenário um navio em pleno Oceano, este não encontra-se parado, mas em movimento, que a lírica transforma todo este acontecimento em real configurando-se em um discurso heroico, pois a lírica não se distancia da narrativa, pois seu objetivo é defender a causa, mostrar a realidade em forma de prosa e verso. Como mostrar estes versos:

Se é loucura... Se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co' a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...

Entendemos nestes versos citados como Castro Alves faz uma canalização entre um fato real e um discurso heroico, em que o tom lírico através da dramatização incorpora-se na angústia do receptor/leitor para que este possa compartilhar grande parte daquilo que acontece dentro de um navio amontado de escravos, de início pode o leitor não ter uma boa projeção de leitura, mas o poema pode incentivar um espírito revolucionário, próprio do romantismo. A matéria épica no Navio Negreiro, é uma referência a quantos relatos históricos refere-se a questão da escravidão ou os inúmeros textos foram escritos abordando o sofrimento, os castigos, a aflição a que passaram os escravos nos porões dos navios negreiros, esses acontecimentos trágicos são narrados pela voz poética em um cenário fantástico. Conforme Vasconcelos (1984, p. 25):

Conforme a proposta teórica desenvolvida, a matéria épica tem duas dimensões, uma real e uma mítica, de modo que a qualificação do herói exige que ele atue nas duas dimensões”.

O interessante neste caso, é que a poesia lírica faz uma ponte entre dois planos, “o mítico e o histórico”, no plano mítico ela trata de informações sobre as más condições as quais os negros escravos passavam durante as viagens nos porões dos navios e a segunda aborda os fatos históricos mas por meio de documentos e planilhas apresentadas por aqueles responsáveis pela venda e compra de escravos de sua origem até os destinatários.

III CAPÍTULO

A composição literária e heroica do discurso histórico

3.1 - A composição literária do poema Navio Negreiro.

A coletânea *Os escravos*, que contém 240 versos, dividido em seis partes, traz em sua composição o poema *Navio Negreiro*, intitulado de *Tragédia no mar*, produzido com uma quantidade de verso e estrofes diferentes, para atender a diferentes momentos. De acordo com Goldstein (2001, p. 7),

A poesia tem um caráter de oralidade muito importante, ela é feita para ser falada, recitada. Mesmo que estejamos lendo um poema silenciosamente, perceberemos seu lado musical, sonoro, pois nossa audição capta a articulação, modo de pronunciar, das palavras do texto.

Estamos falando de uma poesia recheada de encantos, detalhes e exageros verbais, principalmente aqueles versos que contém e apresentam características do gênero épico. O poema *Navio Negreiro* traz um discurso convincente em prol da causa abolicionista, emitido pela voz lírica do poema, desse modo isso é o suficiente para convencer um monte de pessoas a proclamar a liberdade daqueles que há muito vem sofrendo sem merecimento, esta é uma causa nobre, visto que no poema as palavras traduzem as tragédias e as vidas perdidas dentro e fora daqueles porões imundos.

3.2 - A descrição do ambiente

É uma obra muito significativa, visto que quebra os laços com o ultrarromantismo e faz uma denúncia social a respeito da escravidão, defendendo a abolição da mesma, a linguagem emite pessimismo e angústia, sentimentos que eram próprios da poesia romântica. No início do livro, o eu-lírico canta a beleza do mar, do vento, das velas, do céu, descreve o brilho da lua e dos astros, e a música criada pelo vento que soprava o navio. Em seguida descreve os tripulantes do navio, os marinheiros bravos, que cantavam glorificando sua pátria e a alegria dos mesmos ao contemplar tudo aquilo que ele já descrevera. Entretanto, a voz poética, pode ser classificada como uma emissão lírica narrativa, é ela que traz o leitor para fazer parte da trama no poema, ou seja, ela coloca o leitor exatamente dentro da poesia, os versos falam por si, vamos nestes versos que pertence as quatro primeiras estrofes:

‘Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende ardências,
Constelações do líquido tesouro...

‘Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam um braço insano,
Azuis,, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? Qual o oceano?

Todo este ambiente idealizado, contudo, é quebrado quando o eu-lírico descobre que no interior daquele navio havia homens, mulheres e crianças negras, sendo chicoteadas e maltratadas, em um triste espetáculo. A partir de então, ele começa a expressar sua visão a respeito daquela situação. Castro Alves descreve detalhadamente as pessoas: as mulheres nuas com cara de espanto, as crianças magras implorando por comida, os homens e os velhos sendo

chicoteados e obedecendo ao que mandava o chicote do seu senhor. Uma frase nos chama a atenção - “ ‘Stamos em pleno mar...’ é uma característica linguística indispensável em análise, expressão esta repetida no início de todos os primeiros das quatro primeiras estrofes, e é ela que atrai o leitor para dentro da trama heroica apreciada. Essa informação é reforçada porque a palavra “Stamos” nos primeiros versos das quatro primeiras estrofes do poema, assim, existe o poder da voz poética na narrativa do texto, isso acontece porque a condição do herói não pode existir se ela não estiver no ambiente narrado. O escritor Hill (1986, p. 19), reforça dizendo, “...o distanciamento do eu corresponde ao caminho percorrido pelos estilos poéticos, em que o eu envolve uma identidade entre o sujeito e o objeto”

Percebemos logo, que a irradiação lírica narrada quebra a distância existente entre o eu e o objeto estudado, os sinais de pontuação usados em muitas partes do poema reforça essa preocupação, ou do eu no poema. Assim, estando perto do objeto, reforça a ideia de que o sofrimento existe dentro do ambiente, o Navio Negreiro e, que torna-se evidente e expressivo, é como participar desse episódio trágico. A expressão “ ‘Stamos em pleno mar’” usada no poema tem o propósito de mostrar um ambiente hostil, entre o nós e o objeto, essas informações presentes no poema reforçam o desejo de liberdade dos escravos, de acordo com a seleção de palavras ou expressões retumbantes, como oceano, luta, sem fim, pleno, sofrimento. Vejamos nesse outro trecho do poema, aquilo que ainda está por vir:

Donde vem? onde vai? Das naus errantes?
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste seara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Nos versos acima citados, podemos identificar a existência do símbolo literário que há no poema, o Saara africano aqui é batizado de “deserto de águas”, na verdade nos faz refletir sobre a situação vivida pelos escravos nos porões dos navios durante a viagem. Mesmo o deserto sendo um lugar de vida difícil, o mar significa a existência de vida, pois como cita o poeta no verso “Neste Saara de os corcéis o pó levantam”, os corcéis aqui são simbolizados pelos navios negreiros, o pó na verdade são as espumas que levantam durante as viagens, mas que logo se desfazem em meio a tanta água, e quando relacionamos a condição dos escravos nos porões dos navios e a situação aflitiva a qual tem que suportarem, refletimos que por mais belo e infinito seja o plantel descrito pela voz poética, não podemos deixar de concordar que esta visão maravilhosa não diminui o sofrimento vivido pelos escravos. São humanos e assim sendo, não deixam de sofrer mesmo sendo a imensidão do mar e do céu um ambiente belo e insano. Com efeito, não podemos esquecer que a lírica aqui faz o leitor encantar-se pelo ambiente maravilhoso que é a natureza, mas a trágica situação é tão imensa que o leitor faz logo uma relação entre o poema e aquilo que os escravos viveram. A plasticidade, é na verdade a característica predominante usada pelo autor Castro Alves para criar uma situação emblemática assim, a regra usada foi descrever com o máximo de detalhe o quadro majestoso da natureza, mesmo com tanta descrição o que vem a seguir é uma situação trágica e com muito sofrimento.

Ôh, que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!

Meu Deus! Como é sublime um canto ardente!
Pelas vagas sem fim boiando à toa!

Compreende-se um equívoco nos versos três e quatro, quando ele fala em canto ardente é uma referência a luz brilhante de alguns corpos celestes refletido na água, possivelmente durante a noite o dia, porque enquanto os astros brilham a carne do escravo arde por causa dos castigos sofridos por estes durante a viagem, “as vagas boiando à toa” são os corpos com ou sem vidas jogados ao mar durante os dias longos de viagem.

3.3 – A caracterização dos tripulantes

O poema traz consigo um ritmo de musicalidade, nesse trecho trazemos uma análise dos aspectos formais, ou a questão linguística e fonética. Como lembra Goldstein (2001, p. 12), “O objetivo é que se possa ler o poema com os olhos e os ouvidos, isto é, como uma organização visual sonora”.

O Navio Negreiro foi escrito de tal forma que faz o leitor embrenhar-se pela sublime essência das palavras e sentidos nele presentes, este pensamento Goldstein (2001, p. 12), acima citado reforça esses aspectos atraentes, é como o leitor fizesse parte da trama, para entender como um herói é retratado. No trecho abaixo Castro Alves faz uma idealização do marinheiro assim:

Que importa do nauta o berço,
Donde é filho, qual é seu lar?
Ama a cadência do verso
Que lhe ensina o velho mar!
Cantai! Que a morte é divina!
Resvala o brigue á bolina
Como golfinho veloz.
Presa ao mastro da mazená
Saudosa bandeira acena
As vagas deixa após,

Do espanhol as cantilenas
Requebradas de lagor,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas da flor.

[...Da Itália o filho indolente
Canta Veneza dormente...]

Ver-se nestes versos que o autor faz uma lembrança da nacionalidade dos marinheiros que trabalhavam no navio, por exemplo, os espanhóis onde é lembrado as moças morenas andaluzas que requebram de sensualidade, os italianos que cantam as canções de Veneza e outros, inclusive os ingleses. Podemos notar nesta parte do poema, claramente uma preocupação em resgatar o passado mesmo sem se preocupar com a trágica situação que vivera os escravos nos porões dos navios negreiro, mas incluir na narrativa questões que envolvem como sempre a história, o sofrimento, vidas em jogo e o maravilhoso. De acordo com Vasconcelos (1984, p. 15), “O narrador/poeta realiza sua voz dupla através do Eu/narrador, consciência histórica da dimensão temporal do passado, e do Eu/poeta, consciência da dimensão temporal do presente narrativo”. Ao mesmo tempo, o trovador lírico

apresenta no texto uma contundência exclamativa e evocativa, Os conceitos tempo-espaço não formam um conceito fechado, mas expandem suas fronteiras para inúmeras interpretações. O homem, por exemplo, sempre quis ganhar mais espaço, conquistar territórios e controlar o tempo. Assim, tempo-espaço são fatores que remetem ao poder. No entanto, ainda pensamos que o tempo transcorrido é linear, pelo menos em nossas sensações diárias.

3.4 – O interior do navio: Horror, comoção e denúncia.

Ao observar o navio a voz lírica desce e adentra o navio, nesse momento o narrador começa a dialogar com o ambiente hostil, vejamos nesse trecho:

Desce do espaço, ô águia do oceano!
Desce mais, ainda mais... não pode o olhar humano
Como teu mergulhar no brigue voador
Mas que vejo eu ali... que quadro de amarguras
Que cena funeral!... Que tétricas figuras!

Mesmo que a lírica reporte as pessoas dos marinheiros e do ambiente de forma maravilhosa, algo ainda mais tenebroso está por vir, aqui a emissão-lírica adentra o trágico do navio chora e clama misericórdia, pois algo tão trágico não poderia estar acontecendo, pois para se mergulhar em um ambiente tão hostil é necessário fazer parte do projeto maravilhoso, porque é “A condição mítica que fundamenta a existência do herói”. Embora seja a voz lírica suave, ela está na verdade narrando momentos de horror vivido por seres humanos.

Na quarta parte do poema, a lírica-narradora atenta para as expressões adjetivas, de modo que o leitor capture as imagens lançadas pela narração, lembra o horror e o sofrimento dos escravos. O todo maravilhoso se contrasta com o trágico, ao mesmo tempo, que existe um ambiente bonito há também uma tragédia em curso dentro de um navio negro. Neste outro verso a transfiguração do horror:

Legiões de homens negros, como a noite, horrendos a dançar...
Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas rega o sangue das mães

Entende-se que ao se referir a “negros” e “pretas”, o autor refere-se as crianças, mulheres e homens escravos. Em “Magras crianças...rega o sangue das mães” é uma referência aos castigos que as mulheres sofriam durante a viagem, eram chicoteadas e espancadas durante as viagens, e as crianças são amamentadas ali mesmo. Assim “o sonho dantesco” alude a uma espécie de vertigem existente naquele momento, são momentos sombrios e aterrador para quem viveu ali mesmo. Justamente nas sombras que o trágico, o melancólico e o assustador acontecem. Para Antonio Cândido (1985, p. 46) “Os românticos foram sensíveis à força transfiguradora da noite, inclusive e sobretudo como hora de sonho...”. Esta era a hora para a prática dos crimes e das perversões, cometidos pelos tripulantes do navio, percebe-se a todo momento que as expressões poéticas lembram cenas de terror, as palavras, as canções e as expressões usadas no poema colocam o leitor dentro de toda tragédia, em outras palavras, o leitor é um participante nessa viagem.

Aqui a voz lírica começa a questionar o divino de porque de tanto sofrimento, o verso, mostra este universo imaginário, as palavras lembram figuras humanas, sofridas jogadas ao mar, as diversas indagações revelam as inúmeras dúvidas que “os trágicos humanos” passam dentro do navio negreiro, questionar Deus, clamar por misericórdia, pois só o divino pode salvar suas vidas. A natureza antes considerada maravilhosa, observadora dos horrores que acontecem naquele ambiente agora é convidada a interceder sobre aquela tragédia e, poder solucionar o horror vivido pelos escravos em pleno mar.

Enfim, na última parte do poema, o autor Castro Alves, aborda um discurso mais politizado, ele deixa claro nestas estrofes “E existe um povo que a bandeira empresta. Para cobrir tanta infâmia e covardia”. O discurso revolucionário está presente nesta última parte do verso, em que ele ao mesmo tempo denuncia as injustiças e defende a liberdade dos escravos, como diz Vasconcelos (1984, p. 25) “o poeta/narrador não poderá manter o mesmo estado de do principio ao fim do relato”. É necessário um discurso ao mesmo tempo nacionalista, revolucionário e defensor das causas minoritárias.

Considerações finais

Para a elaboração deste trabalho foi necessário utilizar diversos teóricos, e percebemos que à construção épica de um discurso passa por uma ampla análise até chegar ao discurso literário, de modo que mesmo não querendo esgotar nossa discussão sobre o assunto, podemos recuperar a beleza épica de um dado objeto, independente de sua natureza, discurso, seu gênero. Em nossa pesquisa procuramos fazer uma reflexão sobre o poema Navio Negreiro analisando-o como discurso épico em que este é dividido em duas dimensões – o histórico e o mítico, no poema o eu lírico revela sua nacionalidade (brasileira) e invoca os heróis do Novo Mundo para que eles acabem com a escravidão.

O Navio Negreiro há a presença de características românticas (busca pela identidade nacional, subjetividade, idealização de um herói romântico – no caso o escravo, e idealização da natureza) e características pré-realistas (a crítica e a crença na ciência). Isso é reflexo do engajamento dos poetas românticos com as questões sociais que logo mais viriam a ser tratadas com fervor no Realismo.

Por dedicação ao seu trabalho, Castro Alves autor do poema Navio Negreiro é considerado um dos maiores poetas do romantismo brasileiro, este trabalho de natureza romântica é dividido em uma parte amorosa e uma parte social, há nele a presença forte de características que ensinam a liberdade e a justiça, convocando as pessoas a fazerem parte desse projeto de libertação não só dos escravos mas, também de toda forma de opressão vividos por aquelas pessoas, e o negro assim considerado um herói. A crítica do tráfico de escravos não impede o patriotismo do poeta. É o seu patriotismo que leva à crítica.

Esperamos que esse trabalho tenha servido de contribuição para futuras pesquisas e que por se tratar de um tema bastante importante da história brasileira, tratar-se de um poema rico em rimas e musicalidade. Fizemos aqui, uma breve análise sobre o poema Navio Negreiro trazendo alguns de seus mais importantes aspectos históricos, líricos romântico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[biblio.com.br](#) > [conteudo](#) > [CastroAlves](#) > [navionegreiro](#) – Acesso em: 07-07-2020

CASTRO ALVES, Antonio de Frederico de. **ESPUMAS FLUTUANTES E OUTROS POEMAS**. Org. : Lília Silvestre Chaves. São Paulo: Ática, 2004.

CANDINO, Antonio. **ÁLVARES DE AZEVEDO**, 5 Ed. São Paulo: Global, 2003.

CANDINO, Antonio. **FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA**. 11 Ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

CANDIDO, Antonio. **NA SALA DE AULA: CADERNOS DE ANÁLISES LITERÁRIA**. São Paulo: Ática, 1985.

CITELLI, Adilson. **ROMANTISMO**. São Paulo: Ática, 1986.

FACIOLI, Valentim. E OLIVEIRA, Antonio Carlos. **POESIA BRASILEIRA ROMANTISMO**. 11 Ed. Ática: 2004.

GUINSBUG, J. **O ROMANTISMO**. 2 Ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

GOLDSTEEIN, Norma. **VERSOS, SONS, RITMOS**. 13 Ed. São Paulo: Ática, 2001.

HILL, Telênia **CASTRO ALVES E O POEMA LÍRICO**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.

SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **SEMIOTIZAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA**. Rio de Janeiro: Elo, 1984.